

# Condicionamento discursivo-pragmático no uso variável de Interrogativas-Q

(Discourse-pragmatic conditioning in the variable use of Wh-Questions)

Lívia Oushiro

Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP)

livia.oushiro@usp.br

**Abstract:** From the observation that the use of wh-in-situ (“Você mora onde?”) is infrequent in European Portuguese (KATO, 2004; MIOTO; KATO, 2005), this article makes an analysis of the syntactic and discourse-pragmatic contexts in which wh-in-situ interrogatives are variably used with fronted wh-interrogatives (“Onde (é que/que) você mora?”) in 53 recordings with paulistano speakers. Based on the theory and methods of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972, 1994, 2001), I present criteria that can be employed in the analysis of this syntactic variable (LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978), and the results of a quantitative correlation analysis between the dependent variable (Wh-Interrogatives) and the independent variables Common Ground (STALNAKER, 2002) and Age of speaker.

**Keywords:** Wh-interrogatives; wh-in-situ interrogatives; São Paulo Portuguese; syntactic variation; discursive-pragmatic conditioning.

**Resumo:** A partir da observação de que o emprego de *interrogativas Q-in-situ* (“Você mora onde?”) é pouco produtivo na variedade europeia do português (KATO, 2004; MIOTO; KATO, 2005), este artigo analisa os contextos sintáticos e discursivo-pragmáticos em que tais estruturas são empregadas em alternância com as interrogativas com constituinte movido (“Onde (é que/que) você mora?”) em um corpus de 53 gravações do português paulistano. Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (LABOV, 1972, 1994, 2001), discutem-se critérios que podem ser utilizados para analisar uma variável sintática (LAVANDERA, 1978; LABOV, 1978) e apresentam-se resultados de correlação entre a variável dependente, Interrogativas-Q, e os grupos de fatores Fundo Comum (STALNAKER, 2002) e Faixa Etária.

**Palavras-chave:** interrogativas-Q; interrogativas Q-in-situ; português paulistano; variação sintática; condicionamento discursivo-pragmático.

## Introdução

O objetivo deste artigo é discutir a possibilidade de analisar quatro formas de Interrogativas-Q (ver ex. 1 abaixo) como variantes de uma mesma variável sociolinguística (LABOV, 1972, 1978), e apresentar os resultados de uma análise quantitativa de covariação entre a variável dependente e dois grupos de fatores: Fundo Comum (STALNAKER, 2002) e Faixa Etária. Esta análise integra uma pesquisa mais ampla,\* cujo objetivo é investigar o emprego de diferentes formas de interrogativas em um *corpus* de língua oral do português paulistano contemporâneo, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista Quantitativa (LABOV, 1972, 1994, 2001).

O termo “Interrogativas-Q” é usado para se referir a sentenças que contêm um pronome, advérbio ou adjetivo interrogativo: *o que, qual (is), quando, quanto (os, a,*

---

\* O projeto do qual este artigo é fruto tem o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP (Processo 03190-0), a quem agradeço. Agradeço também as contribuições feitas pelos pareceristas anônimos, cujas observações ajudaram a deixar o texto mais claro e as análises mais exatas.

as), *quem*, *como*, *onde* e *por que*. No português brasileiro (PB) atual, existem pelo menos quatro possibilidades de estruturação sintática dessas interrogativas:

- (1) a. *Interrogativas-qu*: Onde você mora?
- b. *Interrogativas qu-que*: Onde que você mora?
- c. *Interrogativas é-que*: Onde é que você mora?
- d. *Interrogativas Q-in-situ*: Você mora onde?

O *corpus* é constituído de 53 entrevistas sociolinguísticas, coletadas entre 2003 e 2008 pelos alunos do curso de Sociolinguística do DL-USP, com informantes paulistanos estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, a sua faixa etária e a sua escolaridade. Além dos dados dos entrevistados, considera-se também a fala de 19 documentadores, também paulistanos: estes foram contactados através de correio eletrônico a fim de obter informações adicionais de seu perfil sociolinguístico (local de nascimento, locais/bairros em que já morou, idade etc.) e da situação da entrevista (grau de relação com o informante, local da entrevista). A amostra faz parte do Corpus do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística da USP (GESOL-USP).

Esta análise se enquadra em um debate mais amplo na Sociolinguística Variacionista: dentro deste paradigma, o estudo de variáveis sintáticas tem sido controverso desde o debate entre Lavandera e Labov em 1978. Segundo Labov (1972, 1978), certas variantes são semanticamente equivalentes quando seu valor de verdade é idêntico, ainda que sejam opostas em seu valor social ou estilístico. Lavandera (1978), por outro lado, questiona se é possível manter o requisito de equivalência semântica para unidades linguísticas além do nível fonológico: unidades como morfemas ou construções sintáticas possuem, por definição, um significado, ao contrário de fonemas, que não possuem uma “constância de referência”. A autora, entretanto, não argumenta contra a possibilidade de estudar variáveis sintáticas; o cerne desse debate são os critérios que podem ser utilizados para definir em quais contextos duas ou mais formas podem ser consideradas alternativas.

Em alguns contextos, as estruturas das Interrogativas-Q parecem ser alternativas, como mostram os exemplos abaixo:

- (2) a. e *onde* você estudou... o ensino fundamental? (F1S)<sup>1</sup>  
b. e *onde que* cê estudou? (F1S)  
c. e no ginásio *onde é que* cê estudou? (M2S)  
d. cê estudou *aonde*... no primário? (M3S)
- (3) A: e... sua irmã tem *quantos anos*? (F1S)  
B: é ela é quatro anos mais nova que eu ela tem trinta e um  
A: ai é verdade... e seus pais?... *quantos anos* eles têm?  
B: meu pai tem sessenta... e a minha mãe tem cinquenta e seis...
- (4) e você gostou de... aprender *qual*?... *qual* você gostou de aprender mais? (F1S)

Nas sentenças em (2), exemplifica-se o emprego das quatro estruturas em contextos semelhantes: em (2a)-(2c), houve a ocorrência de interrogativas com constituinte movido para o início da oração (respectivamente, uma *interrogativa-qu*, uma *interrogativa qu-que* e uma *interrogativa é-que*), e em (2d) houve a ocorrência de

---

<sup>1</sup> Os exemplos extraídos do *corpus* são aqui reproduzidos em *itálico*, seguidos do perfil do informante: seu sexo/gênero (M - masculino; F - feminino), sua faixa etária (1 - de 20 a 30 anos; 2 - de 35 a 45 anos; 3 - mais de 50 anos) e seu nível de escolaridade (G - até o Ensino Fundamental II; S - Curso Superior).

uma *interrogativa Q-in-situ*. Em (3) e (4), verifica-se a alternância entre as formas com constituinte interrogativo movido e *in situ* em um mesmo trecho de fala.

O interesse neste artigo se volta para a estrutura das *interrogativas Q-in-situ* (1d), em contraste com a estrutura das interrogativas com constituinte movido para o início da oração (1a)-(1c). Segundo a literatura, as *interrogativas Q-in-situ* são pouco produtivas no português europeu (PE) (KATO, 2004; MIOTO; KATO, 2005). Em uma análise comparativa de frequência das quatro formas de Interrogativas-Q nas duas variedades do português em um *corpus* de língua escrita (jornais *O Público* do PE e *Folha de São Paulo* do PB), Mito e Kato (2005) verificam que a ocorrência de *interrogativas Q-in-situ* é cerca de sete vezes maior no PB (8,8%) do que no PE (1,2%). No PE, essas construções estariam restritas a contextos de perguntas-eco, com entoação ascendente, como exemplificado na situação de diálogo em (5a); no PB, diferentemente, as *interrogativas Q-in-situ* também podem ser empregadas com entoação descendente e interpretadas como interrogativas comuns (5b):

- (5) a. A: Eles chegaram ontem à noite. PE/PB  
 B: Chegaram ↑ quando?
- b. A: Eles chegaram ↓ quando? # PE/PB  
 B: Ontem à noite.

A observação de que as *interrogativas Q-in-situ* possuem uma maior produtividade no PB permite levantar a hipótese de uma mudança linguística em curso: é possível que o emprego menos restritivo dessa estrutura esteja se implementando de forma gradual e, de uma perspectiva variacionista, interessa investigar os contextos em que essa forma tem maior tendência de ser empregada.

Uma comparação da frequência das Interrogativas-Q em dados diacrônicos pode ser um primeiro passo na investigação da hipótese de uma mudança linguística em curso. Na tabela 1, compara-se a distribuição de ocorrências das quatro formas interrogativas em dois *corpora* de língua oral do português paulistano, separados por um período de 30 anos: uma subamostra de 12 inquéritos do *corpus* compartilhado do NURC-SP, da década de 1970; e uma subamostra semelhante de 12 inquéritos do Corpus do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística (GESOL-USP), da década de 2000. Em ambas, todos os informantes são paulistanos com nível superior de escolaridade e são estratificados de acordo com o seu sexo/gênero, três faixas etárias e o tipo de elocução (Diálogo entre informante e documentador; Elocuções formais). A estratificação diferente da subamostra sincrônica em relação ao *corpus* geral de 53 entrevistas (que também contém inquéritos com informantes de escolaridade mais baixa) é necessária para viabilizar a comparação com a subamostra da década de 1970.

**Tabela 1: Comparação da frequência de Interrogativas-Q em corpora das décadas de 1970 e 2000**

Tipos de Interrogativas-Q	NURC-SP – anos 1970 12 inquéritos		Corpus GESOL – anos 2000 12 inquéritos	
	N	%	N	%
<i>Interrogativas-qu</i>	144	56,0	191	40,5
<i>Interrogativas que-que</i>	41	16,0	205	43,4
<i>Interrogativas é-que</i>	56	21,8	38	8,1
<i>Interrogativas Q-in-situ</i>	<b>16</b>	<b>6,2</b>	<b>38</b>	<b>8,1</b>
<b>Total</b>	257	100	472	100

Ainda que sejam apresentadas as porcentagens das quatro formas de Interrogativas-Q, o interesse aqui é apontar as frequências de *interrogativas Q-in-situ*. Guardadas as possíveis diferenças entre as amostras e mesmo considerando-se que um conjunto de entrevistas tem mais dados que o outro, é possível constatar que não houve um salto nos usos de *in-situ*: 6,2% na década de 1970 e 8,1% na década de 2000, ou seja, em um universo de mais dados – 472, quase o dobro de 257 – as ocorrências de *in-situ* não aumentam proporcionalmente. Esses dados parecem apresentar uma evidência contrária à hipótese de mudança em progresso em relação ao emprego de *interrogativas Q-in-situ*.<sup>2</sup>

Por outro lado, Pires e Taylor (2007) questionam a livre opcionalidade de emprego das *interrogativas Q-in-situ* no PB. Os autores argumentam que tais construções podem ocorrer apenas em contextos em que a pressuposição da interrogativa já faz parte do *fundo comum* (STALNAKER, 2002) entre os falantes; perguntas “de sopetão”, em que a pressuposição não faz parte do conjunto de informações compartilhadas entre os interlocutores, seriam pragmaticamente anômalas no PB. Dessa forma, segundo os autores, as *interrogativas Q-in-situ* ocorreriam somente em alguns contextos, como se exemplifica em (6)-(9) abaixo:

- (6) perguntas [+específicas]:  
A: Eu fiz sobremesa.  
B: Você fez que tipo de sobremesa?
- (7) perguntas esperadas, como em um interrogatório judiciário:  
Advogado: Você pode me dizer o que aconteceu no dia 1º de janeiro de 2005, às 4 da tarde?  
Réu: Eu estava dirigindo na Avenida dos Andradas.  
Advogado: E você estava dirigindo em que direção?  
Réu: Eu estava indo para o sul, na direção da biblioteca.  
Advogado: E o policial disse que você estava dirigindo a que velocidade?
- (8) perguntas de referência, que buscam a repetição ou paráfrase de um antecedente imediato:  
A: Eu não vendi aquelas pinturas estranhas.  
B: Você não vendeu que pinturas estranhas?
- (9) em que certas características do contexto extralinguístico satisfazem o requisito de “informações compartilhadas”:  
B vê seu amigo A lendo algo (informação extralinguística compartilhada):  
B: Você (es)tá lendo o quê?

(exemplos extraídos de PIRES; TAYLOR, 2007, p. 3-4)

Para todos os contextos apontados acima, Pires e Taylor (2007, p. 5) também consideram possível o emprego da estrutura com constituinte movido. Em uma análise variacionista, que se volta sobretudo à observação dessas estruturas na língua em uso, tais considerações sobre possíveis restrições discursivo-pragmáticas ao emprego de *interrogativas Q-in-situ* apontam para a necessidade de uma análise qualitativa e quantitativa que leve em conta o contexto discursivo, a fim de bem delimitar o contexto variável das formas em alternância. Ao mesmo tempo, é importante fazer não apenas uma análise de frequência de uso, mas também de tendências, a fim de traçar generalizações significativas a respeito da probabilidade de ocorrência das formas em variação – não apenas para a amostra analisada, mas também para a comunidade de fala em estudo (BAYLEY, 2002).

---

<sup>2</sup> É interessante apontar, no entanto, que as diferenças na distribuição das demais formas interrogativas podem indicar uma mudança no emprego de *interrogativas qu-que*.

Assim, este artigo apresenta os resultados de uma análise quantitativa de covariação, feita com o programa Varbrul (versão Goldvarb X), em que foram testadas duas hipóteses de correlação com o emprego variável de *interrogativas Q-in-situ*: a faixa etária do falante, que testou a hipótese de mudança linguística em progresso; e o fundo comum, que testou a hipótese de que o grau de informações compartilhadas entre os interlocutores possivelmente tem uma influência sobre o emprego variável de formas interrogativas de constituinte.

Tal análise é precedida de uma discussão dos contextos sintáticos em que as *interrogativas Q-in-situ* ocorrem em alternância com as outras três formas de Interrogativas-Q, em que o constituinte interrogativo é movido para o início da sentença, e se tais formas podem ser consideradas equivalentes semanticamente. Por fim, discute-se a relevância destes resultados para os estudos variacionistas.

### A opcionalidade do falante: questões sintáticas e semânticas

O estudo da variação pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de diversas maneiras (LABOV, 1972): se não há opcionalidade, há que se ter o uso categórico de determinada forma; e se duas formas não querem dizer “a mesma coisa”, pode-se questionar tal opcionalidade. Em outras palavras, deve-se estabelecer, por um lado, a possibilidade de realizações alternativas e, por outro, uma equivalência semântica entre as variantes em potencial.

Dado o interesse desta análise no contraste entre *interrogativas Q-in-situ* com as três formas em que o constituinte interrogativo é movido para o início da oração, os exemplos a seguir preocupam-se em demonstrar a possibilidade de estruturação sintática apenas nestes dois contextos – com o constituinte interrogativo movido ou *in situ*. As diferenças entre as três formas com constituinte movido não são aqui relevantes.

Em uma análise de gramaticalidade, verifica-se que as estruturas de Interrogativas-Q não podem se substituir em todos os contextos sintáticos e que, em um deles, a variação é neutralizada (OUSHIRO, 2009).

- (10) a. *Quem vai trocar com quem?* (F1S)  
b. ??? Com quem quem vai trocar?  
c. ??? Quem com quem vai trocar?
- (11) a. *então precisa ver né... de onde é... como que é... as pessoas sentem isso... esse medo também de andar na rua ou não... é... como é que<sup>3</sup> as pessoas se relacionam no seu bairro... com a sua comunidade...* (F1S)  
b. ??? Então precisa ver é de onde... é como (...) as pessoas se relacionam no seu bairro como (...)
- (12) a. *E por que a senhora acha que o público é tão diferente?* (F1S)  
b. E a senhora acha que o público é tão diferente por quê?
- (13) “*Descalça vai para a fonte*” ... *Quem pode ler o texto para nós?* (F2S)

---

<sup>3</sup> A entonação desta ocorrência indica que a estrutura da *interrogativa é-que*, aqui, está subordinada ao verbo “ver”, ou seja, não é uma oração independente.

Em sentenças com dois (ou mais) constituintes interrogativos que são argumentos do verbo, como em (10a) – “quem” e “com quem” –, cada qual deve ser realizado *in situ*, pois a realização de ambos no início da oração resulta em construções pouco prováveis no PB, exemplificadas em (10b) e (10c).

Em orações encaixadas, como em (11a), o constituinte interrogativo deve aparecer no início da oração subordinada, pois sua realização na posição canônica de sua função sintática (11b) não parece ser possível no PB. No entanto, a realização do constituinte interrogativo *in situ* em orações encaixadas é possível quando a oração é introduzida por um complementizador “que” (ou “se”), como se mostra no par de sentenças em (12). Casos como este último, então, podem ser incluídos na análise variável.

Por fim, em sentenças em que o constituinte interrogativo exerce a função sintática de sujeito, como em (13), a diferença estrutural entre as interrogativas com constituinte movido (mais especificamente as *interrogativas-qu*) e *interrogativas Q-in-situ* é neutralizada, e não é possível determinar, em princípio, qual das duas estruturas foi empregada pelo falante. Vem ao caso, portanto, não incluí-las na análise quantitativa.

Desse modo, em relação às possibilidades de estruturação sintática, pode-se definir o contexto variável das Interrogativas-Q da seguinte forma:

- (14) sentenças que contêm apenas um constituinte interrogativo em uma oração principal ou em uma oração encaixada introduzida por um complementizador, excetuando-se os casos em que o constituinte interrogativo exerce a função sintática de sujeito. (OUSHIRO, 2009, p. 2448)

Contudo, mesmo diante da possibilidade de diferentes construções sintáticas, ainda é necessário questionar se ambas possuem o mesmo valor informacional linguístico. Labov (1972, 1978) propõe que duas formas têm uma equivalência semântica quando possuem um mesmo valor de verdade ou, como ele prefere definir, quando se referem a um mesmo “estado de coisas”. Entretanto, para as construções interrogativas em análise, não é possível atribuir um valor de verdade.

Para as Interrogativas-Q, propõe-se alternativamente um critério baseado na pressuposição: as formas interrogativas de constituinte podem ser consideradas semanticamente equivalentes se aquilo que é pressuposto pode ser definido igualmente em ambos os casos. Em uma sentença como “Por que (é que/que) você quer aprender inglês?” (uma estrutura com constituinte interrogativo movido), o falante pressupõe que o seu interlocutor “quer aprender inglês”. É razoável assumir que, em uma sentença como “Você quer aprender inglês por quê?” (uma *interrogativa Q-in-situ*), a pressuposição é a mesma.

Adota-se aqui a noção de “pressuposição do falante” de Stalnaker (2002), que assim define o conceito: *To presuppose something is to take it for granted, or at least act as if one takes it for granted, as background information – as common ground among the participants in the conversation.* (STALNAKER, 2002, p. 701. Grifo do autor.)

Dentro desse conceito de pressuposição, a atitude do falante é também uma atitude social, pois leva em conta aquilo que o falante supõe ser parte do conhecimento compartilhado dos participantes da interação comunicativa: só se pressupõe algo se se pressupõe que os demais também pressupõem o mesmo. Tal abordagem parece mais compatível com os objetivos da Sociolinguística Variacionista, dado que apresenta uma

noção de pressuposição que leva em conta o ato comunicativo e seus participantes e, portanto, a língua em uso.

Também é importante ressaltar que, dentro dessa perspectiva, a pressuposição não é propriedade da sentença (ou da proposição), mas do ato comunicativo. Assim, abre-se a possibilidade de que as pressuposições sejam atualizadas, pois aquilo que é informação compartilhada entre os interlocutores pode mudar no curso da conversação, à medida que os falantes fazem suas contribuições. A importância dessa característica é discutida na próxima seção.

## Interrogativas-Q e Fundo Comum

Ao incorporar na análise os contextos de uso das formas interrogativas, um possível tópico de investigação consiste em verificar se o emprego de Interrogativas-Q está condicionado ao grau de informações compartilhadas entre os interlocutores. Para Pires e Taylor (2007), como se discutiu acima, tal condicionamento é categórico: quando a pressuposição da interrogativa não faz parte do fundo comum entre os interlocutores, o emprego de *interrogativas Q-in-situ* seria pragmaticamente inadequado no PB.

A análise qualitativa inicial dos dados do *corpus* de entrevistas sociolinguísticas procurou investigar essa hipótese: haveria uma restrição categórica no emprego de *interrogativas Q-in-situ* caso a pressuposição da interrogativa fizesse ou não parte do fundo comum entre os interlocutores? No entanto, a partir das ocorrências desse *corpus*, é possível questionar a abrangência da hipótese de Pires e Taylor (2007): nenhuma das ocorrências de Interrogativas-Q dessa amostra pode ser considerada uma pergunta “de sopetão”, em que a pressuposição da interrogativa não fazia parte do fundo comum até aquele momento da interlocução.

Por um lado, é possível que esse fato seja decorrência da natureza do *corpus* analisado, ou seja, que a própria situação de entrevista sociolinguística nos moldes labovianos não seja propícia à ocorrência de perguntas “de sopetão”. No entanto, é difícil imaginar contextos em que, de fato, não há qualquer grau de fundo comum: como vivemos em sociedade, há muitas crenças mútuas que os falantes podem projetar sobre seus interlocutores pelo simples fato de pertencerem a uma determinada comunidade, serem de determinado sexo/gênero, idade, classe social.

As informações compartilhadas entre os interlocutores não precisam necessariamente vir de algo que é expresso *verbalmente* na situação da interação comunicativa imediata, mas também podem advir do contexto situacional mais amplo (p.ex., a situação descrita no exemplo 9) ou de outras conversas não registradas na gravação. Ao mesmo tempo, aquilo que um falante pressupõe pode não corresponder àquilo que os demais interlocutores pressupõem acerca da mesma situação. Entretanto, descobrir *exatamente* o que cada falante assume como “compartilhado” a cada momento da interação parece uma tarefa não só fadada ao fracasso como desnecessária. Aqui, assume-se que aquilo que é falado durante a interação torna-se parte de um fundo comum entre os falantes e, mais importante, que a *reação/resposta do interlocutor* confirma se a pressuposição da interrogativa de fato fazia parte do fundo comum. Nesse aspecto, as respostas dos interlocutores são um componente importante da análise do contexto de uso das formas interrogativas.

É possível considerar que as pressuposições das interrogativas já pertencem ao fundo comum entre os interlocutores de acordo com diferentes graus de informação

compartilhada, dado que nem todas elas necessitam estar presentes no contexto discursivo para que sejam consideradas parte do conjunto de crenças mútuas. É sobre esses diferentes graus de informações compartilhadas que a análise a seguir se debruça: algumas interrogativas exigem um grau mínimo de informações compartilhadas para que possam ser feitas sem que haja inadequações pragmáticas; outras podem se basear em pressupostos culturais; e outras, ainda, só podem ser feitas após o estabelecimento de certas pressuposições no discurso.

Considere-se o exemplo em (15):

- (15) A: (...) meu filho fazia remo... e tava todos os domingos na Cidade Universitária e cedo (...) quatro e meia da manhã e a gente ia pro... pra Cidade Universitária e aí ele fazia o remo né?  
B: nossa por que ele começou a fazer remo? (M1S)  
A: porque ele gostava né?

Nessa ocorrência, percebe-se que a pressuposição da interrogativa (“o seu filho começou a fazer remo”) é estabelecida como fundo comum entre os interlocutores depois que o falante A a coloca no discurso. Supondo que essa informação não tivesse sido fornecida, a interrogativa feita por B seria pragmaticamente anômala, e a probabilidade de A negar essa pressuposição seria bastante alta. Para casos como esse, considera-se que a pressuposição advém do contexto discursivo.

Ao contrário do exemplo em (15), há certas interrogativas cuja pressuposição não precisa ser mencionada no discurso, pois ela é sempre verdadeira. Exemplificando:

- (16) A: o rimbaud gente/ quantos anos cê tem?  
B: dezessete  
A: dezessete... o rimbaud com a sua idade... ou melhor aos dezesseis anos esse cara... (M1S)
- (17) e você nasceu quando? (F2S)
- (18) legal... e cê tá morando onde agora? (F1S)

Nos exemplos (16)-(18), os falantes pressupõem, respectivamente, que seu interlocutor “tem uma certa idade”, “nasceu em algum momento” e “tá morando em algum lugar”. Ora, tais pressupostos podem sempre ser assumidos como verdadeiros para todas as pessoas, pois a probabilidade de que sejam negados é bastante baixa – caso fossem negados (p.ex. “Eu não nasci!”), tais asserções gerariam implicaturas griceanas, pois certamente violariam a máxima da qualidade (GRICE, 1975); o falante, portanto, pode assumir que essas pressuposições são “naturalmente” compartilhadas. Esse tipo de pressuposição é aqui chamada de “universal”.

Por fim, pode-se identificar um terceiro tipo de pressuposição para a qual, ainda que possa ser negada, existe uma expectativa cultural de que seja verdadeira. É o caso dos exemplos abaixo:

- (19) e ela trabalha com o quê... a sua irmã? (F1S)
- (20) tá certo... e cê votou em quem pra presidente... na última eleição? (F2S)

Nas ocorrências (19) e (20), não havia qualquer menção prévia, até aquele momento da entrevista, de que “a irmã do interlocutor trabalha” e que “o interlocutor votou em alguém na última eleição”. No entanto, tais interrogativas não são consideradas pragmaticamente inadequadas. Por outro lado, não é possível afirmar que tais pressupostos sejam dados universalmente, pois nem todas as pessoas trabalham e



nem todos os eleitores votaram na última eleição. Pode-se dizer que existe uma expectativa social de que pessoas de determinada idade tenham um trabalho ou uma profissão, e que elas cumpram o dever constitucional de votar nos pleitos para governantes. Nesses casos, considera-se que a pressuposição é “cultural”.

Desse modo, é possível diferenciar três tipos de pressuposição de acordo com o grau de informações compartilhadas exigido para que a interrogativa seja considerada pragmaticamente adequada: do discurso, “universal” e cultural. A partir desses tipos de pressuposições, a análise quantitativa investigou se o emprego de *interrogativas Q-in-situ* pode estar correlacionado com as informações compartilhadas entre os interlocutores.

## Resultados da Análise Quantitativa

Foram testadas duas hipóteses de correlação: todas as ocorrências de Interrogativas-Q nas 53 gravações do *corpus* sincrônico e que se enquadram no contexto variável definido em (14) foram codificadas de acordo com (a) a faixa etária do falante; e (b) um dos três tipos de pressuposição (do discurso, “universal” ou cultural).<sup>4</sup>

As Tabelas 2 e 3 abaixo indicam que houve o emprego de interrogativas *Q-in-situ* em 31,5% das ocorrências – frequência consideravelmente maior em comparação com os 8,1% da Tabela 1 de distribuição geral –, pois leva em conta apenas os contextos em que as quatro formas interrogativas são factualmente opcionais.

O grupo de fatores “Faixa Etária” objetiva verificar, em tempo aparente, se o emprego de *interrogativas Q-in-situ* está em processo de mudança (LABOV, 2001) no sistema de interrogativas no português paulistano. Os resultados dessa análise são apresentados na tabela abaixo:

**Tabela 2: Distribuição de Interrogativas-Q e pesos relativos de *interrogativas Q-in-situ* quanto à Faixa Etária do informante.  $p < 0,02$ . Input: 0,300**

Faixa Etária	Interrogativas com constituinte movido		Interrogativas <i>Q-in-situ</i>		P.R.
	N	%	N	%	
De 25 a 35 anos	183/261	70,1	78/261	29,9	<b>.49</b>
De 35 a 45 anos	25/30	83,3	5/30	16,7	<b>.28</b>
Mais de 50 anos	51/87	58,6	36/87	41,4	<b>.61</b>
Total	259/378	68,5	119/378	31,5	Range: 33

A tabela 2 indica que o emprego de *interrogativas Q-in-situ* é mais favorecido pelos falantes mais velhos (P.R. 0,61) – e não pelos mais jovens, como previa a hipótese inicial. Ao mesmo tempo, não se verifica uma gradação sistemática de pesos relativos em relação às respectivas faixas etárias: o segundo grupo que mais favorece o emprego de *interrogativas Q-in-situ* é o dos falantes mais jovens, com peso relativo próximo ao ponto neutro, e a variante é desfavorecida entre aqueles que estão na faixa etária intermediária (P.R. 0,28). Esse resultado, de fato, está de acordo com a distribuição relativamente estável dessa forma interrogativa na comparação de frequências de dados diacrônicos (ver Tabela 1), pois indica que parece não haver uma tendência ao aumento de emprego das *interrogativas Q-in-situ* no português paulistano atual.

<sup>4</sup> Na mesma rodada, foram incluídos os grupos de fatores Sexo/Gênero, Escolaridade e Quem Fala (documentador ou informante). Estes não foram selecionados como estatisticamente significativos para a variação.

Ainda que o emprego de *interrogativas Q-in-situ* apresente-se em variação estável, interessa investigar quais fatores condicionam tal variação. A tabela abaixo apresenta os resultados da variável Fundo Comum:

**Tabela 3: Distribuição de Interrogativas-Q e pesos relativos de *interrogativas Q-in-situ* quanto ao tipo de pressuposição.  $p < 0,02$ . Input: 0,300**

Tipo de Pressuposição	Interrogativas com constituinte movido		Interrogativas <i>Q-in-situ</i>		P.R.
	N	%	N	%	
“universal”	39/79	49,4	40/79	50,6	<b>.71</b>
cultural	73/113	64,6	40/113	35,4	<b>.55</b>
do discurso	147/186	49,2	39/186	21,0	<b>.38</b>
Total	259/378	68,5	199/378	31,5	Range: 33

A tabela 3 mostra que as *interrogativas Q-in-situ* são favorecidas em contextos em que a pressuposição da interrogativa é “universal” (P.R. 0,71) e, de forma menos expressiva, nos contextos de pressuposição cultural (P.R. 0,55). Inversamente, quando a pressuposição da interrogativa advém do discurso, o seu emprego é desfavorecido (P.R. 0,37). Esse resultado sugere que, quanto mais “compartilhada” é a pressuposição da interrogativa, maior é a tendência de emprego de *interrogativas Q-in-situ*: estas são favorecidas em contextos em que as informações compartilhadas podem ser assumidas de antemão e têm certa independência do contexto específico da interação comunicativa; por outro lado, as *interrogativas Q-in-situ* são desfavorecidas em contextos em que as informações compartilhadas advêm do discurso.

Tal resultado requer uma interpretação: é possível que as interrogativas de pressuposição cultural ou universal, por possuírem certa independência do contexto imediato de interação comunicativa, tenham a tendência de aparecer na conversação como informações novas, diferentemente de interrogativas de pressuposição do discurso, mais claramente ancoradas no contexto imediato. Diversos trabalhos (Cf. p. ex. DUBOIS, 2003; LANGACKER, 1991) apontam para uma preferência por postergar a introdução de novas informações para a última parte da sentença, o que pode explicar o favorecimento de *interrogativas Q-in-situ* nos casos de interrogativas de pressuposição cultural ou universal.

### Considerações finais

Neste artigo, discutiu-se a possibilidade de considerar as Interrogativas-Q com constituinte interrogativo movido ou *in situ* como variantes de uma variável sociolinguística, através da análise dos contextos sintáticos e discursivo-pragmáticos em que essas formas são empregadas de forma alternativa em um *corpus* de língua oral do português paulistano. Este debate contribui para a investigação de variáveis linguísticas além do nível fonológico, questão de relevo desde os artigos de Lavandera e Labov em 1978 para os estudos variacionistas.

Nesse campo de investigações, grupos de fatores discursivo-pragmáticos raramente são considerados. A análise da língua em uso, no entanto, deve atentar para fatores da interação, que podem se atualizar constantemente no fluxo conversacional. Este trabalho fornece um exemplo de como uma variável discursivo-pragmática pode ser incorporada na análise quantitativa de covariação.

A partir da definição do contexto variável e do estabelecimento da pressuposição do falante como critério de equivalência semântica entre as formas interrogativas, foi

feita uma análise quantitativa entre a variável dependente e os grupos de fatores Faixa Etária e Fundo Comum. Os resultados indicam que ambas as variáveis independentes se correlacionam com o uso variável de Interrogativas-Q.

A hipótese de mudança em progresso parece não se sustentar tanto pelas evidências quantitativas de frequência quanto de tendência. Por outro lado, a análise do grupo de fatores Fundo Comum dá indícios de que a pressuposição do falante, em sua relação com o grau de informações compartilhadas entre os interlocutores da interação comunicativa, tem um papel no uso variável de Interrogativas-Q, sendo uma das variáveis que se correlacionam com o emprego de *interrogativas Q-in-situ* no português paulistano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYLEY, R. The quantitative paradigm. In: CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.), *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford and Malden, MA: Blackwell, 2002. p. 117-141.

DUBOIS, J. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p.47-88.

GRICE, H.P. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Orgs.) *Syntax and Semantics 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

KATO, M. *Two types of wh-in-situ in Brazilian Portuguese*. Trabalho apresentado no Georgetown Round Table, Washington DC, 2004.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Where does the Sociolinguistic Variable Stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, 1978. p.1-17.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change: external factors*. Oxford UK & Cambridge: Blackwell, 2001.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*. California: Stanford University Press, 1991.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *Language in Society*, v. 7, p. 171-182, 1978.

MIOTO, C.; KATO, M.A. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista da ABRALIN*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1 e 2, p. 171-196, 2005.

OUSHIRO, L. As Interrogativas Q-in-situ têm restrições pragmáticas? In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, VI, 2009, João Pessoa. *Anais...* Ideia, v. 1, 2009. p. 2445-2452.

PIRES, A.; TAYLOR, H.L. The Syntax of Wh-in-Situ and Common Ground. Paper submitted to *Romance Languages: Structure, interfaces, and microparametric variation*.

MASULLO, Pascual (Ed.). Amsterdam: John Benjamins, 2007, 15p. Disponível em: <[www.ling.umd.edu/~htaylor/papers/PiresTaylor07LSRL.pdf](http://www.ling.umd.edu/~htaylor/papers/PiresTaylor07LSRL.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2009.

STALNAKER, R. Common Ground. *Linguistics and Philosophy*, v. 25, p. 701-721, 2002.